

Conferência

A retórica da cortesia: *Corte na Aldeia* (1619)
de Francisco Rodrigues Lobo, fonte da
Epítome de la eloquencia española (1692)
de Francisco José Artiga.

José Adriano de Freitas Carvalho

Universidade do Porto

Com certeza será fácil de compreender que não iremos ocupar-nos aqui das tradições literárias de *Corte na Aldeia* (Lisboa, Pedro Craesbeck, 1619) e, muito menos, dos horizontes de expectativa que preencheu ou superou, mesmo que tal pudesse ter algum interesse desde o nosso ponto de vista. Mas isso exigirá-nos tão delicadas análises de géneros e de determinados indicadores – começando pelo seu título: *E Noites de Inverno* – que inevitavelmente nos distanciaria da nossa proposta¹. Contudo, porque será importante, recordaremos que entre as suas fontes literárias mais imediatas teremos sempre que inscrever *Il Galateo* de Giovanni della Casa (Veneza, Nicolò Bevilacqua, 1558) mediante *El Galateo Español* de Lucas Gracián Dantisco (Tarragona, Felipe Rosecto, 1593; Zaragoza, Lorenzo de Roble, 1593)² e *La Piazza Universale di Tutte le Professioni del Mondo* (Veneza, G. Battista Somasco, 1585) de Tommaso Garzoni, directamente e não por intermédio da versão adaptada de Suárez de Figueroa, *Plazza Unìversale de Ciencias y Artes* (Madrid, Luis Sánchez, 1615)³ como poderia pensar-se dado o facto de que os dois dedicaram as suas obras ao mesmo protector,

1. Francisco Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia* (Introd., fixação de texto e notas de José Adriano de Freitas Carvalho), Lisboa, Editorial Presença, 1992 (Citaremos sempre por F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*).

2. José Adriano de Freitas CARVALHO, «A leitura de Il Galateo de Giovanni Della Casa na Península Ibérica: Damasio de Frias, L. Gracián Dantisco e Rodrigues Lobo», *Ocidente*, LXXIX (1970), 137-171.

3. José Adriano de Freitas CARVALHO, «Francisco Rodrigues Lobo e Tomaso Garzoni», *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris), X (1976), 505-522; Maria Lucília Gonçalves PIRES e José Adriano de F. CARVALHO, «A *Corte na Aldeia* de F. Rodrigues Lobo e a literatura de comportamento social em Portugal no século XVII» em Id., *História crítica da literatura portuguesa*, III (*Maneirismo e Barroco*), Lisboa, Editorial Verbo, 2001, 121-161.

Duarte de Bragança, marquês de Flechilla e de Malagón. De um modo menos evidente, mas documentável, uma dívida interessante é a que Rodrigues Lobo contraiu com *La Civil Conversatione* de Stefano Guazzo (Brescia, Vincenzo Sabbio, 1574; Vinezia, Altobello Salicato, 1574)⁴. Deste «libro italiano di etichetta» – que não o é – «dei giorni di Shakespeare»⁵ deriva com certeza – a começar pela própria conceptualização – o seu ideal de «comum e civil conversação»..., de *conversação civil* – sempre entendida como «conversação aprazível e de poucas perfias»⁶ – decisivo na definição da «perfeição do homem bem nacido»⁷. Como pano de fundo, ter-se-á sempre que subentender a *Il Libro del Cortegiano*, sem que consigamos captar empréstimos absolutamente indiscutíveis⁸.

Importante será colocar desde já outra questão: *Corte na Aldeia*, literatura de cortesia ou de cortesias? Se aqui entendemos a cortesia com o discutível significado de um código de etiqueta que somente se pode verificar em palácio..., já que o palácio-corte é o seu lugar natural⁹ e, desde logo, o mais favorável às suas manifestações, teremos de responder negativamente. Em *Corte na Aldeia* não existe um código de etiqueta..., nem de protocolo..., tal como não há cerimónias nem ritos sociais directa e imediatamente referenciados à vida em palácio.

As próprias leis do *decorum* exigido pelo projecto do autor – desenhar uma corte numa aldeia – não o teriam tolerado. De facto, um tanto paradoxalmente, se em *Corte na Aldeia* não há corte..., também não há rei..., não há damas..., não há galãs..., não há mestres de cerimónias..., etc.. Tal tema não entra directamente na matéria do afortunado livro de Rodrigues Lobo, o que evidentemente não quer dizer que ao longo da obra o autor não faça com alguma detenção algumas alusões a tais situações. Mas fá-lo-á sempre de uma forma distante e quase sempre envolvida numa tão profunda nostalgia – «uma corte na aldeia composta dos riscos e sombras que ficaram dos cortesãos passados»¹⁰ ... – que terão sempre que se ler tais alusões como história e não como manifestação de atenção a uma situação real sua contemporânea e, muito menos, como uma declarada proposta de uma corte que nunca existirá. Tal não impede, evidentemente, que uma noite, ao tratar «Da criação na corte» (Diálogo XIV), em que se repassaram os diversos modos de educação e de serviços de quem segue a corte – uma espécie de «instrucção» que não deixa de fazer lembrar muitas das que, nesses tempos, os pais cortesãos escreviam para seus filhos que iam frequentar a

4. Giorgio PATRIZI, «La *Civil Conversatione* libro europeo» em AA. VV., *Stefano Guazzo e la Civil Conversazione* (a cura di G. Patrizi), Roma, Bulzoni, 1990, 7-23 aponta a fortuna europeia da obra, mas nada refere sobre a sua leitura na Península Ibérica. Também Peter BURKE, «El arte de la conversación en la Europa moderna temprana», in Id., *Hablar y callar. Funciones sociales del lenguaje a través de la historia*, Barcelona, Gedisa Editorial, 1996, 115-153 – contexto em que a obra de Guazzo e, naturalmente, relevante –, nada assinala sobre a sua difusão peninsular. Para além de Rodrigues Lobo – cujos débitos para com a *Civil Conversatione* tentamos assinalar em notas da edição que *Corte na Aldeia* que preparamos – recordemos apenas, como exemplo ilustre e significativo, que, um pouco posteriormente, também Lope de Vega em *La Dorotea* (Madrid, Imprenta del Reyno, 1632) refere que em *los dialogos de Guazo ballarás que las mujeres ignorantes aman el cuerpo y las discretas el alma*, referência que S. Morby, na sua edição de *La Dorotea* (Madrid, Castalia, 1968, 272), identifica oportunamente.

5. Nello TARCHINI in *Marginalia de Il Marzocco* (22.6.1913, fol. 6)

6. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 55.

7. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 266, 291-292.

8. Ao longo do texto da edição de *Corte na Aldeia* procuramos assinalar, em nota, os momentos e os temas em que é mais plausível a influência de Baltasar Castiglione em *Corte na Aldeia*; Peter BURKE, *La fortuna del Cortegiano. Baldassare Castiglione e i percorsi del Rinascimento europeo*, Roma, Donzelli Editore, 1998, 93-94 zssinalou, sumariamente, alguns pontos de contacto.

9. Sergio BERTELLI, «Il concetto di corte», in AA.VV., *Ragione e «civitas». Figure del vivere associato nella cultura del'500 europeo* (a cura di Davide BIGALLI), Milano, Franco Angeli, 1986, 141-150.

10. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52.

corte¹¹ –, se tenham despedido «com os olhos naquela corte pintada, que inda com as sombras da verdadeira enganava os sentidos»¹².

De facto, os 16 diálogos de *Corte na Aldeia*, que mais propriamente se diriam colóquios, vêm situados numa aldeia não muito longe de Lisboa – mas contrastando com a cidade não só na paisagem, mas ainda nos regalos da alimentação¹³ – e em casas particulares com limitadíssimas alusões à sua decoração¹⁴..., e a outras manifestações de poder ou de luxo moderados, como, por exemplo o jardim em que alguns dos amigos passam uma tarde enquanto a noite – e, com ela, a conversação – não chega¹⁵..., ou os criados, sendo que destes – algum de origem aldeã – pouco mais sabemos que os seus deslizes de serviço que há que corrigir – não olhar o que o hóspede come¹⁶..., não estropear os recados dos amos¹⁷... – para que o seu serviço seja condizente com a categoria dos seus amos, alguns deles bem «miúdos nas cortesias». É verdade que os seus donos quer por ofícios quer por sangue poderiam definir-se como cortesãos – e, muitas vezes, mas quase sempre por cumprimento, assim se vêem classificados por outros coloquiantes. Um deles (Leonardo) tinha frequentado a antiga corte de Lisboa – «fora em outra idade da casa dos reis»¹⁸ e, por isso, tanto sabia do «estilo da corte»¹⁹ – e o outro tinha ocupado postos de magistratura importantes, isto é, «tivera honrados cargos de governo da justiça na cidade [de Lisboa]»²⁰. Eles e os seus convidados a maior parte dessas 16 noites de Inverno em que coincidem nessa aldeia passá-las-ão diante do fogo acolhedor e propiciador. São amigos, uma amizade que, porém, vai mais além da situação tópica de muitos exemplos do género dialógico no Renascimento. As suas idades são tão diferentes como as suas profissões e as suas situações económicas e os seus gostos, ainda que as diferenças sociais não sejam tão notórias que os impeçam de serem verdadeiramente tão «amigos como bem acostumados»...²¹, situação decisiva no marco das soluções cortesias apontadas por Rodrigues Lobo que, talvez, valha a pena, algum dia, considerar no quadro da idealização da amizade que a sua época terá gostado de elaborar por oposição à racionalização da dissimulação que, como já se pôde anotar, «se había convertido en una necesidad de las relaciones humanas»²². Neste

11. Fernando BOUZA, «Vidas de palcio. Las biografías manuscritas como manual de corte», em *Corre manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001, 215-239, chamou pertinentemente a atenção para essas «instrucciones» no âmbito da cortesia peninsular de Seicentos. Um pouco mais tarde, mas participando ainda da mesma tradição, cabe recordar aqui a *Instrucçam que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal do Conselho de Sua Magestade dá a seu filho primogênito D. Joseph Miguel de Portugal Conde de Vimioso*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745, e a *Instrucçam que o Marquez de Valença D. Francisco de Portugal do Conselho de Sua Magestade, dá a seu filho segundo D. Miguel de Portugal, e Castro, Conego da Santa Igreja de Lisboa*, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1745 (de ambas há 2.ª edição: Lisboa, Officina de Pedro Ferreira, 1746), sobre que estamos preparando algumas notas.

12. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 269.

13. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 212; D. Júlio, dando conta das possíveis causas da doença que o retem em cama, confessa: «me entreguei ontem mais do que era razão, na ceia, porque foi de pescado e de marisco e doces. E como creceu com a novidade o apetite, quis forrar-se à custa do estômago de quantas vezes nos faltam semelhantes regalos neste lugar...».

14. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 224; Píndaro, um estudante e poeta, comparou as casas – entenda-se os aposentos da casa – do Doutor a «gavetas de escritório» por serem «pequenas, muitas e bem guarnecidas». E Solino, confirmando-o, teria dito que eram um «estojo» para nele se recolher o Doutor em sua velhice.

15. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 105.

16. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 56.

17. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 105-106.

18. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 54.

19. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 73.

20. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 55.

21. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52.

22. William J. BOUWSMA, *El otoño del Renacimiento (1550-1640)*, Barcelona, Crítica, 2001, 162-164.

círculo, contariamente ao que se passa na obra de S. Guazzo, não predominam os letrados – unicamente representados por aquele doutor em Leis –, mas há, contudo, um poeta, um jovem fidalgo amante da História, um antigo servidor de um Grande, um padre e um soldado, todos caracterizados com precisão, inclusivamente pelo recurso a uma espécie de didascália interior ao longo dos diálogos. Resulta, deste modo, evidente que tal grupo, muito distante do tom social e dos debates regidos por Emília Pia na Urbino dos Montefeltro, oferece, contudo, grandes possibilidades de contrastes – que eles não se esquecem de anotar – profissionais e de idades e, por conseguinte, de veneração e respeito, de formação e empregos e, logo, de opiniões, durante essas noites de conversação. Porque efectivamente cavaqueiam..., ou melhor, passam parte das noites a cavaquear..., e não poucas vezes fazem notar a sua ânsia por que chegue o momento de continuar a cavaquear... E quando, por ausência de alguns deles da aldeia, têm de interromper a conversação, prometem-se continuar a conversar donde «brevemente» se seguiria um «outro volume»²³ em que, se de nada viessem a esquecer-se, deveriam ser tratados, como sabemos por assuntos que deixaram em suspenso e remetidos para futuras noites, as cartas de amor..., um jogo contra os bordões..., contos galantes e ditos graciosos..., as origens e obrigações dos cargos que *agora* há no serviço real de Espanha..., visitas a doentes e donzelas..., diferenças de infantaria, cavalaria e milícia naval..., histórias dos contrastes entre letrados e cortesãos..., etc.. Rodrigues Lobo soube admiravelmente explorar o marco conversacional tornando-o capaz de traduzir esse grande entretenimento que na sociedade do Antigo Regime foi a *causerie*. Lucien Febvre sublinhou-o intensamente a propósito daqueles que Marguerita de Navarra põe a contar e a escutar novelas²⁴.

Naturalmente, já nos teremos apercebido de um facto decisivo: esta corte de aldeia é uma corte de amigos, isto é, fundamentalmente, uma «conversação de amigos bem acostumados»²⁵ em que cada um pode opinar livremente²⁶. Alguns deles recordam a sua experiência de cortesãos na antiga corte portuguesa, isto é, «quando éramos troianos e [se vira] luzir o que agora está cheio de ferrugem»...²⁷, outros, os mais jovens, porque nasceram depois que faltou a Portugal a corte²⁸, vêem essa «antiga corte» – e, ao parecer, a única em que ainda se “reconhecem” – através dessas recordações..., mas, e será importante dizê-lo, nem os primeiros a retratam nem os outros a representam como um modelo nostálgicamente actualizável. Os arcaísmos em palavras e em comportamentos e modas somente se toleram «em homens de barba larga, penteada sobre os peitos, com carapuça redonda e pelote de abas pregadas que vos conte histórias de el-rei D. Manuel e dos ifantes em Almeirim e de quando D. Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Vila de Condeixa, do filho que ali lhe nasceu em o tempo do bispo D. Jorge»²⁹.

Precisamente por algumas alusões à história nacional se desencadeia o primeiro diálogo acerca da eterna questão dos méritos de história verdadeira em oposição à história fingida. Contudo, a questão não vem agora examinada desde um ponto de vista moral – como aconteceria em humanistas e autores de obras de espiritualidade de Quinhentos (e ainda de depois) –, senão desde o

23. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 295.

24. Lucien FEBVRE, *Amour sacré, amour profane. Autour de l'Heptaméron*, Paris, 1971, 236-238 (1.ª ed., 1944); um tanto mais indirectamente, também Peter Burke, *El arte de la conversación en la Europa moderna temprana* in *Hablar y callar*, ob. cit., 115-153.

25. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52.

26. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 255.

27. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 255.

28. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 265.

29. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 190-191.

ponto de vista da oposição História/Poesia, isto é, das leis que validam uma e outra. É o modo de contar, as leis da narração frente às da narrativa, isto é, em resumidas contas, os limites das leis da retórica aplicadas à História e à Poesia que, de longe, mas com uma cerrada lógica interior, determinam os debates seguintes sobre a língua escrita e falada, sobre os limites que há que impôr aos recursos retóricos e, muito especialmente, daqueles próprios da Poesia – os «encarecimentos» –, sobre a severa erradicação do cultismo lexical e sintáctico, para sempre concluir radicalmente, em nome do combate à afectação e em defesa da clareza, que «devemos escrever como falamos»...³⁰ O radicalismo desta regra de ouro põe-no na escola não precisamente de Castiglione senão de *Il Galateo*, passando pela do *Diálogo de la Lengua* de Juan de Valdés, obra que alguma vez suspeitamos que possa ter lido, ainda que nos escape como pudesse tê-lo conseguido. Fontes comuns? É possível.

Pensamos que será compreensível que alguns debates que poderiam parecer puramente morais – a diferença entre o amor e a cobiça (Diálogo VI)..., os poderes do ouro e do interesse (Diálogo VII)..., o fruto da liberalidade e da cortesia (Diálogo XIII), por exemplo – se inscrevam, com lógica naturalidade, nas consequências dos «encarecimentos» (Diálogo V): a cortesia entendida como liberalidade de palavras e de marcas de deferência social vale mais ou menos que a liberalidade entendida como uma cortesia baseada em bens materiais? Esta redução pode ser que nos permita compreender melhor a *dispositio* mais profunda de *Corte na Aldeia*, mas não nos deverá fazer esquecer que, de qualquer maneira, o que verdadeiramente está em discussão nesses diálogos são questões que poderiam dizer-se de moral cortesã, um capítulo da moral «barroca» que ocupou tantas páginas do século XVII. De Baltazar Gracián a Nicolás Causin.

Por outro lado – já aludimos a tal questão –, ao nível da apresentação da matéria e das suas distinções, os diálogos estão organizados em torno da conversação... Os cortesãos falam e quando escrevem devem fazê-lo como quando falam... Desde logo, devem «falar bem»..., o que explica que em *Corte na Aldeia* se preste a maior atenção à língua falada... Mesmo que lhe dedique dois diálogos nunca perde ocasião de voltar à matéria. É a falar que se transmitem embaixadas e recados..., se fazem visitas..., se contam experiências de viagens e casos singulares e novelas e contos a familiares e amigos..., se dão respostas agudas... Raramente se pede mais. Um embaixador, por exemplo, leva as relações e negócios que deve tratar escritos pelos oficiais do reino...³¹. Assim que, verdadeiramente, pelo que à língua escrita concerne, o cortesão quase unicamente terá que escrever cartas³², meio de comunicação que o Renascimento, por honra do saber e por gosto e necessidades de informação, elevou à categoria de género literário³³. É esta perspectiva que pode

30. Joaquim FONSECA, «O discurso de “Corte na Aldeia” de Rodrigues Lobo – o Diálogo I» em Id., *A organização e funcionamento do discurso. Estudos sobre o português*, I, Porto, Porto Editora, 1998, 137-197.

31. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 113.

32. Juan de MARIANA, *De rege et regis institutione* (Toledo, P. Rodericum, 1599), dedicado a Filipe III, ao ponderar a educação literária que há que ministrar ao príncipe, aconselha que este xescriba mucho y muy distintas cosas, ya cartas, ya discursos, ya versos...» (citamos pela tradução oferecida em B.A.E., 31, Madrid, Atlas, 1950, II, 508). Que importância haverá que conceder ao facto de, entre esses tipos de escritos em que o príncipe se deve exercitar, virem as cartas nomeadas em primeiro lugar? Primazia conferida a um género «cortesão» – que não ditado por necessidades burocráticas... –, o que poderia confirmar a nossa sugestão, ou pura arbitrariedade enunciativa?

33. AA.VV., *Le “carte mesaggiere”. Retorica e modelli di comunicazione epistolare: per un indice dei libri di lettere del Cinquecento* (a cura de A. Quondam), Roma, Bulzoni, 1981; Domingo YNDURAIN, «Las cartas en prosa» e J. N. H. LAWRENCE, «Nuevos lectores y nuevos géneros: apuntes y observaciones sobre la epistolografía en el primer Renacimiento español» in AA.VV., *Literatura en la época del emperador* (Ed. dirigida por Victor García de la Concha), Salamanca, Universidade de Salamanca, 1988, 53-80 e 81-100, respectivamente; William J. BOUWSMA, *El otoño del Renacimiento*,

justificar que Rodrigues Lobo tenha prestado tanta atenção à carta para que seja «cortesã e bem escrita»³⁴. Quase a mesma que concede à «prática»..., isto é, dois diálogos (II, III). Compreende-se: a epístola não é mais que uma conversação com alguém distante. Mas como ocorre com as cartas, alguns recados..., muitas anedotas..., muitos ditos agudos..., muitas «boas respostas» que, contributos para o *sal* da conversação³⁵ – essa «conversação dos amigos [que] não havia ter dentes»³⁶ –, vêm largamente recordadas nas páginas de *Corte na Aldeia*³⁷. Naturalmente, retirados dos seus contextos e apagadas as marcas de oralidade e de acção, poder-se-ão ver igualmente elevados à categoria de modelos da língua escrita. A seu lado, alguns modelos negativos, evidentemente a evitar. Por tudo isto, a obra de Rodrigues Lobo poder-se-á classificar entre as obras de retórica e, de facto, como tal foi frequentemente entendida. Entusiasmado, um dos amigos coloquiantes chegará precisamente a falar de uma «retórica nova» que aí se começa a propor «à língua portuguesa»³⁸. E não será sem interesse anotar que tal classificação e tal qualificação lhe chegarão de Solino, um ancião que usa óculos, antigo criado de um Grande da corte, e se valessem as aparências, o menos instruído dos amigos. Tal qualificação – «nova» – não derivará tanto de que se ocupe da língua vulgar como do facto de que esta venha perspectivada desde um ponto de vista muito particular: a cortesia, isto é, o que define o «homem cortês» no âmbito de uma semântica regida pela amizade e, em última análise, o cortesão ideal, pelo que até seria defensável dizer – e o fidalgo D. Júlio viu-o – que, aparentemente, essa «retórica nova» da cortesia se opunha à tradicional retórica cortesã³⁹. Assim, extraindo as consequências extremas do que acabamos de dizer, pode ser que a novidade dessa retórica resulte de ser concebida e apresentada como uma retórica da conversação informal, «cousa em que tudo pende de opiniões incertas»...⁴⁰. Assim sendo, aperceber-nos-emos imediatamente que Rodrigues Lobo não quis fazer, por exemplo, uma «gramática» e, muito menos ainda, um *ars concinandi* para cortesãos com funções de embaixador, ainda que saiba que aos antigos embaixadores se lhes chamava «oradores, por serem mui semelhantes no ofício de persuadir, mover e obrigar»...⁴¹

Compreenderemos muito melhor os seus objectivos se recordarmos o seu conhecido elogio da língua portuguesa:

...é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e da escritura. Para falar é engraçada com um modo senhoril, para cantar é suave com um certo sentimento que favorece a música, para pregar é sustanciosa, com ùa gravidade que autoriza as razões e as sentenças, para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade esteril que a limite, para história nem tão florida que se derrame nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronúnciação não obriga a ferir o céu

163-164 faz algum aceno à importância da carta no contexto de valorização da amizade no âmbito da meditação sobre «la peor de las épocas».

34. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 73.

35. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 195-197.

36. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 196.

37. Fernando BOUZA, *Vidas de palacio. Las biografías manuscritas como manual de corte* in Id., *Corre manuscrito*, 224 (conf. ainda 292).

38. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 183.

39. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 168: «Muito contrária me parece essa lição (disse D. Júlio) à polícia da corte, onde é regra que o homem há-de falar com a língua e ter quieto o corpo e as mãos» .

40. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 182.

41. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 109.

da boca com aspereza nem a arrancaas palavras com veemencia do gargalo. Escreve-se da maneira que se lê e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronunçiação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegância da italiana. Tem mais adajos e sentenças que todas as vulgares, em fé de sua antiguidade. E se à língua hebreia, pola honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei outra que tanto fuja de palavras claras em matéria descomposta quanto a nossa...⁴²

Este comprazido e complacente elogio – em que, talvez, se possa ver algum aceno a complexas questões de «reforma ortográfica» que se debatiam em Itália..., Espanha..., França⁴³...–, que sempre vem referenciado a um contexto nacionalista em tempos de unidade ibérica, é muito interessante desde o nosso ponto de vista: a língua portuguesa vale, sobretudo, pelas suas qualidades próprias, especialmente por esse difícil equilíbrio dos seus rasgos fonéticos e rítmicos e lexicais. A tradicional comparação com a latina vem aqui reduzida ao mínimo, o que se compreende num opositor declarado do cultismo lexical e sintáctico⁴⁴. Quase ousaríamos dizer que o ideal da «civil conversação» do homem cortês que cruza *Corte na Aldeia* reclama que este fale não somente a melhor língua senão também na melhor língua... Unicamente com um pouco de humor teria sentido discutir os critérios e resultados de Rodrigues Lobo nesta sua defesa e ilustração do próprio idioma e, portanto, não há outra possibilidade senão aceitar aqui a sua opinião. Por isso, se o falar a melhor língua, isto é, utilizar a melhor das melhores vulgares – francesa, castelhana e italiana – se pode determinar definindo-a, falar na melhor língua é algo muito mais difícil, porque, como se sabe, na «prática vulgar todo pende de opiniões incertas», no que bem poderá ir um eco – resumido, claro! – da afirmação castiglionesca de quanto para «il gentil ed amabile manera di conversare cottidiano... sia difficile dar regola alcuna per le infinite e varie cose che occorrono nel conversare»⁴⁵. E tão incertas que a única regra é «falar como os melhores falem»...⁴⁶. E os melhores falantes actuais – tem-se sempre que «usar de palavras presentes e de costumes antigos»⁴⁷ – sempre serão um puro evanescente. Por isso, Rodrigues Lobo não cita, sequer com a parcimónia de um Juan de Valdés, algumas autoridades, já que, como sabemos, essa língua que deixaram escrita não foi a língua que eles falaram. No final teremos que nos remeter a estes cortesês amigos que, falando, estão construindo a *Corte na Aldeia*, e que mais não fazem que tentar apurar uma norma linguística que, o mais distante possível da norma literária, possa reger a língua do homem cortês na sua conversação que sempre será um evanescente... Compreendemos que, como o declara um deles, «a melhor escritura é a que retrata com mais semelhança a fala e conversação dentre os amigos»⁴⁸.

Mas, como já sabemos, os faladores falantes de *Corte na Aldeia* não são, actualmente, cortesês. São muito simplesmente homens cortesês e amigos que, casualmente reunidos, tentam opinar sobre a verdadeira cortesia – começando por essa que se manifesta através da língua – e seus méritos... Contudo, esta situação é absolutamente determinante para a compreensão do tipo de cortesia que propõem, tal como o é a sua relação de amizade. Esta relação, e não somente a ausên-

42. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 69.

43. Oreste MACRI, *Fernando de Herrera*, Madrid, Gredos, 1959, 343-380 («La reforma ortográfica»).

44. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 188-189.

45. Baldesar CASTIGLIONE, *Il libro del cortegiano con una scelta delle Opere minori* (a cura di Bruno Maier), Torino, U.T.E.T., II, 17, 215.

46. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 184.

47. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 77.

48. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 65-66.

cia de uma verdadeira corte no Portugal desses anos, nos garante que eles se interessam unicamente por uma cortesia entendida como civilidade – que releva da «boa criação» – e não como «cortesia» ou, talvez melhor, como cortesania – que releva da Prudência, fundamento da polícia e da política em palácio⁴⁹... A verdadeira cortesia unicamente se pode verificar entre amigos ou entre aqueles que o possam ser... – e, antes de mais, a que se deve verificar na conversação –, o que pressupõe não a Prudência, mas, sim, a Amizade. Verdadeiramente entre reis e súbditos, senhores e vassallos, entre superiores e inferiores as relações derivam da *Charitas* e não da *Amititia*...⁵⁰. Para as relações entre não iguais inventaram-se as regras da etiqueta e do protocolo e não as da cortesia entendida como «bom ensino»... Compreendemos que esta venha, então, definida como «a reverência e comedimento que se costuma entre iguais»...⁵¹. Por tal, estes coloquiastes de *Corte na Aldeia* podem falar em total liberdade e propor alguns princípios que poderão orientar a conversação, isto é, a convivência «entre amigos bem acostumados»...⁵², declaração que, de repetida, poderia dizer-se que, coerentemente, organiza todo o livro⁵³.

Isto permite-nos insinuar de novo que tal proposta não derivará de uma situação político-social precisa, entenda-se, a situação da sociedade portuguesa órfã de uma corte nacional – um tópico obrigatório quando se refere a obra de Rodrigues Lobo – mas antes de uma atenta leitura de *Il Cortigiano*... Recordaremos certamente que também B. Castiglione tentou fazer «un ritratto di pittura (...) della amorevole compagnia» que momentaneamente, cerca de 1507, se reuniu na corte de Urbino, companhia essa – Rodrigues Lobo traduzi-la-á por «conversação» – que a morte dispersou rapidamente... A profunda nostalgia que cruza a dedicatória de *Il Cortigiano* (1528) ao cardeal Miguel da Silva é demasiado conhecida para que mereça agora mais do que esta alusão⁵⁴. Mas, e não temos outro remédio senão salientá-lo, essa *conversação aprazível*⁵⁵ que é *Corte na Aldeia*, não pretendendo ser um retrato da antiga corte portuguesa, se bem que desenhada «com os riscos e sombras que ficaram dos cortesãos antigos e tradições suas»... – como o declara nostalgicamente ao Marquês Duarte de Bragança⁵⁶ –, resultará tão perfeita na opinião dos amigos que alguns deles, numa das noites dedicadas às matérias da língua, entusiasmados com o retrato do perfeito homem cortês que estão obtendo, declaram que nessa corte na aldeia «se podiam ensaiar os que quisessem aparecer na corte apercebidos... dessas cousas tão miudas e tal esquecidas sem causa»...⁵⁷. Desta maneira, fazia-se alusão ao contributo de *Corte na Aldeia* à possível transformação do perfeito cortês em perfeito cortesão para quem os gestos..., o falar correcta e elegante-

49. Luis Abreu de MELO, *Avisos para o Paço*, Lisboa, Oficina Craesbeckiana, 1659, pode, dentre os clássicos portugueses, representar uma boa síntese sobre a matéria, como bem acentuou Zulmira Coelho dos Santos, «Racionalidade de corte e sensibilidade barroca: os *Avisos para o paço* de Luis Abreu de Melo» em *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Porto, 1991, II, 381-401; Maria Lucília G. PIRES e José Adriano de F. CARVALHO, *História crítica da literatura portuguesa (Maneirismo e Barroco)*, 127-129.

50. Baldasare CASTIGLIONE, *Il libro del Cortegiano*, II, 18, 216: «e benché questo nome di conversare importi una certa parità, che pare che non possa cader tra 'l signore e 'l servitore ...».

51. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 229.

52. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52.

53. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52, 55, 179, 181, 195, 197, 229.

54. Carlo OSSOLA, *Dal "Cortegiano" all' "Uomo di mondo". Storia di un libro e di un modello sociale*, Torino, Einaudi, 1987, 25-42 estuda com mestria o prólogo de *Il Cortegiano*.

55. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 55.

56. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 52.

57. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 226.

mente – «o movimento e a graça do falar»...⁵⁸ –, o gosto de selar as cartas com as suas armas e tenções..., o correcto comportamento à mesa, nas visitas e no passeio..., a compostura e discricção dos criados..., deveriam constituir modos – alguns dos modos, naturalmente – de mostrar ou de sugerir a sua participação nesse «bellissimo ordine di servire» que desde os fins do século XV renascimental se andava aprofundando nas cortes europeias e, com todas as distâncias, cronologias e diferenças culturais inerentes, consequentemente, modelando as pequenas cortes das suas aldeias⁵⁹. Assim parece tê-lo compreendido antes de qualquer outro o tradutor castelhano que, omitindo a importante referência a essas mil pequenas e esquecidas coisas, diz que nessa aldeia «se pudieran ensayar los que quisiesen parecer prevenidos y discretos en la corte»...⁶⁰. «Prevenidos y discretos», o matiz é importante... Que B. Gracián tenha dito que *Corte na Aldeia* é um «livro pequeno, mas eterno»⁶¹ pode tornar-se-nos agora mais compreensível...

Poder-se-ia pensar que precisamente este carácter de «livro eterno» tivesse conferido à obra de Rodrigues Lobo a possibilidade de ser olhada como um modelo a imitar e a aproveitar. E não poderá dizer que tenha sido um livro esquecido, dado que em Portugal se contam seis edições no século XVII e três no século seguinte, o que pode colocar curiosas questões de público leitor. Como exemplo, recordemos que em 1750, um desconhecido Bento António publica *Aldeia na Corte e Noites de Verão, seguidas às Noites de Inverno de Francisco Rodrigues Lobo* (Lisboa, Oficina de Miguel Menescal da Costa)..., que, remetendo-nos ao título e, até certo ponto, ao género, nenhuma relação tem com o projecto de Rodrigues Lobo. Mas o jogo estabelecido com o título e a explícita referência ao nome do seu autor parecem estar indicando que um e outro funcionavam como um bom elemento de propaganda, confirmando, a seu modo, essa relativa fortuna editorial de *Corte na Aldeia*. Se isto for assim, teremos igualmente que dizer que esta *Aldeia na Corte*, um diálogo pedestre entre um boticário, um cirurgião e alguns amigos destinado, «afectando impropriedades, com muitos documentos convenientes a reprehender abusos»... e algumas «notícias curiosas» sobre a geografia de Itália, Alemanha e Turquia..., acaba por nos colocar sérios problemas sobre o nível cultural dos leitores de Rodrigues Lobo que podemos entrever nesse jogo de referências⁶².

58. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 168; convirá recordar que, em seus diversos modos e matices, a «graça» foi, como muito bem assinala Peter BURKE, *Le fortune del Cortegiano*, VII, 31, 51-52, um dos temas que mais interessaram aos leitores de *Il libro del cortegiano* ao longo de Quinhentos.

59. Sergio BERTELLI, Franco CARDINI, Elvira Garbero ZORZI, *Le corti italiane del Rinascimento*, Milano, Mondadori, 1985, de que convém sublinhar o particular interesse para o nosso tema da colaboração de F. Cardini: «Un bellissimo ordine di servire» (77-125); Niebes BARANDA, «Literatura en sociedad. Dos tratados italianos de saber vivir en la Andalucía de la Contrarreforma» em *Spagna e Italia attraverso la letteratura del secondo Cinquecento*, Napoli, Istituto Universitario Orientale, 2001, 301-320, com precisa bibliografia, chama a atenção para duas obras – a *Institucion de toda la vida del ombre noble* (tradução de *De la institutione di tutta la vita de l'uomo nato nobile* ... de Alessandro Piccolomini) por Juan de Barahona y Padilla (Sevilla, 1577) e a *Parte primera del cavallero avisado* (tradução de *Ricordi ovvero ammaestramenti, nei quali con prudenti e christiani discorsi si ragiona di tutte le materie honorate che si ricercano a un vero gentil buomo* de Sabba da Castigione por Francisco Truchado) – muito significativas no quadro da literatura de comportamento social para estas pequenas cortes de província como resulta, precisamente, de algumas das suas observações (esp. 307, 315).

60. F. Rodriguez LOBO, *Corte en Aldea y noches de Invierno... de Portugues en Castellano por Juan Bautista Morales*, Valencia, Oficina de Salavador Fauli, 1793, 335.

61. Baltasar GRACIÁN, *El Criticón*, III, 12, em *Obras Completas*, Madrid, 1960, 1005.

62. A aproximação de *Corte na Aldeia* com a muito interessante *Academia nos montes e conversações de homens nobres* (Lisboa, Antonio Alvarez, 1642) de Manuel Monteiro de Campos, não tem, para lá dos pontos comuns ditados pela dicotomia aldeia / cidade – o seu autor pretende ser, antes de mais, um «corrector» da «liberdade, ou dissolução com que se vive nas aldeas» – qualquer sentido. Sobre a obra de Monteiro de Campos escreveu Manuel José Gonçalves PEREIRA, *A “Academia nos Montes e conversações de homens nobres”. A obra e o seu contexto histórico e literário*, Braga, APPACDM, 1995, uma discreta introdução – cremos assim terá sido concebido esse ensaio – que, contudo, há que utilizar criticamente.

Algo de semelhante se passou do outro lado da fronteira. De facto, mediante aprovação de Tomás Gracián Dantisco, irmão do tradutor de *El Galateo Español*, Juan Bautista Morales, igualmente tradutor (1622) de *A Primavera* de Rodrigues Lobo e de outros livros portugueses, como por exemplo, em 1625, *Arte de Caça de Alenaria* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1616) de Diogo Fernandes Ferreira, faz imprimir a sua tradução em 1622 em Montilla, lugar onde trabalha o impressor português Manuel de Paiva que nessa mesma vila publicará, em 1627, o *Panegírico por la Poesía* de D. Fernando de Vera y Mendoza... Seria interessante investigar o pequeno círculo "literário" que esses dados parecem fazer supor. No ano seguinte publica-se a *Corte en la Aldea*, em Córdoba, por Salvador de Cea Tesa, mas o colofon da edição indicando «Montilla, por el autor, 1622», faz-nos suspeitar que não se tratou de uma nova edição, mas de um negócio editorial. Finalmente, em 1793, em Valência, Salvador Fauli volta a editar a obra, que 38 anos antes, em 1755 (Madrid, Antonio Pérez Soto), tinha sido traduzida e ainda integralmente "espanholizada" – «Valencia» por Lisboa..., «lengua española» por língua portuguesa..., «españoles» por portugueses..., etc. – por Alejandro Ponce de León que disfarçou o seu trabalho sob o título *Discreción en el retiro y política en la aldea en dialogos historiados*⁶³..., que nada tem a ver com essa obra tão curiosa e merecedora de um pouco mais de atenção que deixou Antonio Muñoz, *Morir Viviendo en la Aldea, Vivir Moriendo en la Corte* (Madrid, Gutiérrez, 1737).

Mas a vertente retórica de *Corte na Aldeia* não passou despercebida a algum dos muitos retóricos do século XVII espanhol, como o autor da *Epitome de la Eloquencia Española* (Huesca, José Lorenzo de Larumbe, 1692), obra em verso de longa difusão até 1777 (Barcelona, Angela Martí), data da última edição que conhecemos⁶⁴. O seu autor, Francisco José Artiga que, mais do que ensinar retórica, se aplicou a desenvolver "projectos úteis" ao progresso económico da sua terra, circunstância que faz deste professor de matemática um precursor desses homens úteis que tanto se empenharam nas «Sociedades Económicas»⁶⁵. Obra de juventude? É possível que a confissão que faz neste sentido não deva ser entendida unicamente como uma desculpa ou uma variante da humildade na *captatio benevolentiae* do leitor. Mas, teremos de o conceder, não seria com sete anos que a terá escrito, como, certamente por distração ou por gralha, permitem concluir as datas biográficas com que nos brinda algum investigador⁶⁶.

Pode ser que o *Epitome* seja «un libreo absurdo y chistoso» indicativo «del punto extremo de la decadencia literaria y de la urgente necesidad de remedio» como diz Menéndez Pelayo⁶⁷ e que, conseqüentemente, como quer Antonio Martí, «nada puede ya aportar al campo de la retórica»⁶⁸, mas é, contudo, uma excelente amostra das leituras do seu autor e, certamente, de muitos dos seus contemporâneos. Mesmo que nem sempre identifique as obras dos autores que cita, sabemos-lo lei-

63. Monroe Z. HAFTER, «Lobo's *Corte na Aldeia* (1619) in a spanish disguise (1755)», *Romanische Forschungen*, 81 (1969), 565-570.

64. José RICO VERDU, *La retórica española en los siglos XVI y XVII*, Madrid, CSIC, 1973, 86-92 alude, sem contudo a precisar, a seis edições; no entanto, A. PALAU Y DULCET, *Manual del librero hispano-americano*, Barcelona, 1948 (2.ª ed.), I, 519, assinala as edições de 1726 (Pamplona, Alfonso Burguete de que há reprodução fac-similada, Valencia, Paris-Valencia, 1996); 1737 (Madrid, Francisco Rodríguez); 1747 (s/ed? = 4.ª impresión); 1750 (Barcelona, Mauro Martí); 17?? (Barcelona, Juan P. Martí); 1760 (Barcelona, Angela Martí); 1770 (Barcelona, Angela Martí), 1771 (Madrid, Antonio Mayoral), não registando, porém, a de 1777 que utilizamos.

65. M. MENÉNDEZ PELAYO, *Historia de las ideas estéticas en España*, Madrid, CSIC, 1974 (4.ª), I, 833, n.º 1.

66. A. MARTÍ, *La preceptiva retórica española en el Siglo de Oro*, Madrid, Gredos, 1972, 306-308.

67. M. MENÉNDEZ PELAYO, *Historia de las ideas estéticas en España*, I, 833, n.º 1.

68. A. MARTÍ, *La preceptiva retórica española en el Siglo de Oro*, 307.

tor declarado, de entre muitos outros, de Emanuele Tesauro que «en su elocuencia juntó / lo ridiculo y lo discreto»...⁶⁹, de F. Quevedo de quem sabe muito bem «cuantos aforismos y chistosos preceptos» sempre aplicou, como alvo perene da sua sátira, aos médicos...⁷⁰, e, como amante da matemática, mesmo que a cite a propósito da citação na Amplificação que permite verificar «en que se parecen / unas cosas, y en las mismas /[ver] diferencia, y como / se parecen, y se implican» donde resultam reparos..., enigmas..., «el saber dudar» e o picante oculto, da *Ars Magna* – mais provavelmente a *Ars magna sciendi sive combinatoria* (Amstelodami, Apud Joannem Janssonium et Viduam Elizei Weyerstraet, 1669) do que a *Ars magna lucis et umbrae*, Roma, ex typographia L. Grignani, 1645) – de Atanasio Kircher...⁷¹, da *Ars Magna* de R. Lulio em que «se exercita esse modo em matematicas ruedas»⁷², etc..., referências estas últimas que, quaisquer sejam os resultados da sua leitura, no-lo mostram interessado nas rotas culturais favoráveis à lógica simbólica que, então, se via favorecida na Companhia de Jesus⁷³. Como exemplos de «elocuencia española» propõe-nos Santa Teresa «en cuyos escritos / es la elocuencia su gracia e la venerable Madre / María, cuya elegancia / no solo de Agreda es timbre / sino blasón de toda España»⁷⁴. Se as suas definições da Eloquência e das matérias que predica são, quase sempre, dadas com formulações poéticas que A. Martí classifica de «conceptismo trasnochado y lacio»⁷⁵, um conceptismo que normalmente resulta do emprego de um obscuro cultismo que somente poderia dizer-se em contradição com os seus conselhos se a sua obra não estivesse em verso, as suas ideias linguísticas, por exemplo, revelam-no um bom seguidor dessa vulgata em que, nestes momentos, se tinha já transformado *El Galateo Español*. Inclusivamente ao nível do marco dialógico, se a utilização do verso no diálogo entre um pai e um filho pode efectivamente aproximá-lo a um catecismo⁷⁶, nada obsta que nisso se possa, igualmente, ver uma das últimas manifestações da tradição de *Il Galateo*, livro que não cita. Se não se perdem de vista essas tradições, poder-se-á compreender melhor que tenha sido, igualmente, um atento leitor da obra de Rodrigues Lobo, autor que também não refere.

Mesmo que os projectos dos dois Franciscos não sejam identificáveis – um propõe-se escrever um longo tratado e complexo de eloquência geral aplicável à língua castelhana, o outro um livro sobre o comportamento ideal do homem cortês –, as suas obras, contudo, enquanto se ocupam do bem falar, teriam que coincidir em alguns pontos. Não será certamente o que diz Artiga no seu I Diálogo sobre a eloquência em geral, humana e divina, e as suas divisões nem o que traz no II Diálogo sobre as definições, géneros, diferenças, fins, etc. da Retórica, nem sequer sobre as partes da eloquência, invenção, disposição, etc. que nos pode interessar aqui. As fugazes alusões que a tais matérias se encontram no livro de Rodrigues Lobo não têm nem extensão nem originalidade que mereçam especial atenção. O que importará salientar agora é que Artiga compreendeu a par-

69. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la elocuencia española*, Barcelona, Angela Martí, 1777, III, 4, 144 (Citaremos sempre esta obra por esta edição).

70. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la elocuencia española*, III, 5, 209.

71. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la elocuencia española*, III, 8, 343.

72. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la elocuencia española*, III, 8, 343.

73. José Ignacio GÓMEZ LIAÑO, *Athanasius Kircher: itinerario del éxtasis o las imágenes del saber universal*, Madrid, 1986; Emilio FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, *Athanasius Kircher y la ciencia del siglo XVII. Exposición con el motivo del IV centenario del nacimiento de Athanasius Kircher*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Biblioteca Histórica «Marqués de Valdecilla», 2002, catálogo bibliograficamente muito útil com sugestivas notas.

74. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la elocuencia española*, I, 14.

75. A. MARTÍ, *La preceptiva retórica española en el Siglo de Oro*, 307.

76. José RICO VERDU, *La retórica española en los siglos XVI y XVII*, 86.

ticular originalidade que resultou do facto de Rodrigues Lobo dedicar uma atenção especial quer ao modo de comportamento de todos aqueles que, pelas suas funções ou empregos, têm o encargo de transmitir uma mensagem mais ou menos elevada – embaixadores..., recadistas..., visitantes... – quer à arte de escrever cartas missivas, isto é, o que se diz da epistolografia, e tenha sabido ilustrar tudo isso com bons e variadíssimos e, tantas vezes, divertidos exemplos. Efectivamente, acreditamos, hoje por hoje, que uma parte especial da sua obra, a que Artiga dedica às embaixadas..., recados..., visitas..., cartas..., deriva das páginas de Rodrigues Lobo.

Assim, tudo o que diz sobre os critérios que devem presidir à eleição de um embaixador e, logo, sobre as suas qualidades físicas e morais, está tomado não de um tratado sobre tal personagem, como, por exemplo o de D. Juan Antonio de Vera y Zúñiga, *El Embajador* (Sevilla, Francisco de Lyra, 1620), mas de *Corte na Aldeia*, donde toma, inclusivamente, os exemplos ilustrativos, apagando frequentemente os nomes das pessoas. Poder-se-ia pensar, alguma vez, que Artiga retira as suas ilustrações das suas doutrinas de uma floresta – a *Floresta de Española de Apothegmas o Sentencias* (Toledo, Francisco de Guzman, 1574) de Melchor de Santa Cruz, por exemplo – ou de um tesouro – o *Tesoro de Diversa Licción* (1636) poderá ser outro. Para outros casos de coincidências ter-se-á que colocar tal possibilidade. O mesmo Rodrigues Lobo utilizou com muito proveito a *Silva de Varia Lección*... Contudo, uma comparação de textos far-nos-á imediatamente verificar que os textos mais importantes sobre essas matérias dependem directamente da obra portuguesa mediante a sua tradução castelhana, como se poderá verificar por alguma das passagens comparativamente citadas. Tal ocorre com o que expõe sobre a boa presença do embaixador⁷⁷..., as suas capacidades e aptidões para o negócio que se lhe encarrega⁷⁸..., o quanto importa que, mais do que nobre, seja entendido e esforçado⁷⁹... A ordem expositiva e os exemplos ilustrativos mais não fazem do que confirmar a fonte. Mas quando o vemos abordar a questão da eleição dos síndicos de «villas, cortes o pueblos»⁸⁰, um ponto que igualmente trata Rodrigues Lobo a propósito dos «agentes e procuradores que as cidades, vilas e lugares mandam a cortes»⁸¹, a nossa convicção torna-se uma certeza, já que a doutrina e os exemplos são, novamente, os mesmos, o que não impede que os tradicionais contos do enviado de um povoação que, não o conhecendo, pede ao rei que se cubra..., ou do outro que quando se apercebe que está a falar com o rei perde as luvas, que costumam ilustrar o caso do «vergonzoso en palacio», possam, obviamente, encontrar-se em outras obras. O mesmo se diga das visitas onde depois de deixar estabelecido, como o faz Rodrigues Lobo, que «si vás à hacer visita / por causa de un casamiento / no hables de cousas que causen / horrores y desconsuelos. / Ni tampoco lo contrario / Si por algun fin funesto / vás à visitar, no hables / de gozos, ni passatiempos»...⁸², apontando quase exactamente, ainda que um pouco mais amplificadamente, os mesmos exemplos. No último e mais longo desses exemplos, a anedota de uma visita de pêsame a uma viúva que estava encerrada num quarto sem luz, visita que, por uma série de distrações e acidentes fortuitos, termina às gargalhadas, conclui Artiga que «fue tremenda la risa / de los que se hallaban dentro, / Y así se desautorizó / Todo el pesame, riendo»⁸³,

77. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 162.

78. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 162.

79. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 163.

80. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 165-166.

81. F. Rodrigues LOBO, *Corte na aldeia*, ed. cit., 114-115.

82. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, ed. cit., III, 6, 168.

83. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 6, 1170-1171.

o que não é mais do que a tradução da conclusão de Rodrigues Lobo: «Foi tão grande o riso e burburinha que desautorizou todo o sentimento de nojo, e caia cada um para sua parte sem se lhe poder valer»⁸⁴. Como não conseguimos encontrar outra fonte, nem sequer aproximada, para esta anedota, a exactidão da tradução – não absolutamente literal, é certo – da conclusão parece confirmar a de todos os outros passos.

Mas, muito compreensivelmente, as dívidas mais importantes de Artiga para com Rodrigues Lobo situam-se no domínio da arte de escrever cartas. Como ficou assinalado, *Corte na Aldeia* contém um breve, mas preciso *ars dictaminis* destinado ao uso do homem cortês, já que omite todo tipo de referências a cartas chancelerescas e diplomáticas, mesmo que se tenha permitido copiar alguma carta de príncipe. Deste pequeno manual socorreu-se Artiga.

Deste modo, quando a personagem encarregada de expor tal matéria, Leonardo, enuncia sobre os elementos externos da carta, isto é, os que então se diziam os seus «exteriores», que são: «cortesia comua, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras iguais, chancela sutil e selo claro»...⁸⁵, assim o traduz Artiga: «cortesia comun / renglones siempre derechos, / letras unidas y espacios / entre las palabras puestos; papel cortado y muy limpio, / el doble igual y derecho / sello claro»...⁸⁶, e explicando o que se deve entender por «cortesia comun que se solemniza en tres puntos: / en el sobre escrito, principio / y firma con mucho asiento»...⁸⁷, além de fazer um preciso resumo do que diz sobre isso na obra portuguesa já que «a cortesia se verifica no sobrescrito, o apartado da cruz té a primeira regra, e do primeiro do papel té o começo de todas e o sinal e o nome de quem escreve [...] e pola desconformidade que há entre uns e outros, veio a ser regra entre os iguais que fique em branco a quarta parte do papel»...⁸⁸, o que expõe depois quase com as mesmas palavras: «En el sobre escrito se hace la cortesia escribiendo: / dejando un espacio entre / la cruz y el renglón primero; / en la carta y su principio / executando lo mesmo / dexando mucho papel / a al cabez del pliego. / Dexase entre iguales / la quarta parte, adviertiendo / dexar más al superior / menos al que fuere menos»...⁸⁹. Estes aspectos retoma-os depois quando expõe com alguns detalhes o que mais se deve entender por «la segunda cortesia: La segunda cortesia / se hace en la carta escribiendo / dexandole como dixere, / la quarta parte del pliego: / Y la margen no se corta, / porque es error manifiesto / porque estorva la lectura, / el que la lee, con los dedos»...⁹⁰. Rodrigues Lobo escrevera: «A segunda cortesia é no papel, da cruz té a primeira regra [...] a regra entre os iguais que fique em branco a quarta parte do papel, que vem a ser no alto a primeira dobra, e na ilharga um espaço razoado que dá lugar à mão para ter a carta sem cobrir as letras (...)». Deixar «mais de meio papel em branco da ilharga e cerzir a letra com a cortadura da tesoura» é erro⁹¹... E o preceituado sobre a assinatura – «la cortesia en la firma / se hace dexandose un trecho / entre lo escrito y la firma / ni muy grande ni pequeño / ni tan corto que a la letra / parezca se está curriendo; / ni tan lexos que parezca / que se aparta o que está huyendo»⁹² – está igualmente tomado de *Corte na Aldeia*: «A terceira é o nome e sinal do que

84. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 116.

85. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 75.

86. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 173.

87. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 174.

88. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 80.

89. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 174.

90. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 177.

91. F. Rodrigues LOBO, *Corte na aldeia*, 80.

92. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 5, 177.

escreveu a carta, que nem há-de estar tão junto das letras que pareça sôfrego delas [...] ni tão apartado que fique ausente das regras, nem tão na ponta do fim que pareça que se amuou àquele canto»...⁹³. Tudo, inclusivamente a tradução de «amuou» por «se está curriendo» parece confirmar a fonte... Poderemos avançar um pouco mais. Se, neste contexto, Rodrigues Lobo afirma que «o sobrescrito tem mais partes de cortesia do que aquelas que normalmente lhe apontam, tal ocorre porque o sobrescrito é ùa notícia vulgar da pessoa a quem se escreve e do lugar aonde lhe mandam a carta, exprimindo-se nele o nome e a dinidade por onde é mais conhecido e o do lugar onde naquele tempo assiste»...⁹⁴, logo Artiga traduz «el sobre escrito ya lleva / más cortesanos misterios, / porque es una explicación / y epílogo del sugeto./ Tres cosas hade explicar / un sobre escrito bien hecho / son: Persona, dignidad, / y lugar donde va el pliego»...⁹⁵. O autor da *Epítome* diz-nos imediatamente, tal como o faz Rodrigues Lobo, que «A los sugetos conocidos / por su título o su puesto, / o Dignidad, no se explica / su nombre, casa o pueblo, / si solo la Dignidad, / título, oficio, pues vemos / son por esto más notorios / que sus apellidos mesmos»...⁹⁶, também os exemplos que ilustram negativamente tais preceitos estão quase todos traduzidos da obra portuguesa. Se é importante desde o nosso ponto de vista, que ele recorde o caso «del otro con modo distinto, / la dignidad repitiendo,/ por parecer muy cortés / quiso parecer muy necio:/ que escribiendo a un Provincial / sobre escribió: Al Reverendo Padre nuestro, nuestro padre / Fray Fulano, Padre Nuestro / Provincial y nuestro padre, / residente en el convento / del glorioso Patriarca / San Fulano, Padre nuestro»...⁹⁷, muito mais comprovativo da sua fonte é que desta sarta de cinco «Padres Nuestros» afirme que «más parece rosario que sobre escrito», isto é, que traduza que tal sobrescrito «tinha cinco Padres-Nossos como conta benta»...⁹⁸. Permita-se-nos um exemplo mais, ilustrativo das transformações que Artiga opera em alguns, como aquele com que exemplifica outro «necio» sobreescrito. Um dos amigos que cavaqueiam amenamente em *Corte na Aldeia*, Solino, um velho não muito rico e muito divertido, nalguma coisa herdeiro da «figura de donaire», recorda o sobre escrito de «um soldado [...] que escreveu à India: A N. Viso-Rei da India, nos Paços de Goa, defronte de um lanceiro torto»...⁹⁹. Artiga traduz assim: «Como escribió uno: Al Señor / Don Tal, Virrey de tal reyno, / Vive al lado de un Letrado / frente de un texedor tuerto»...¹⁰⁰. Se o palácio do vice-rei da India é agora a casa de um letrado, o do «lanceiro» transformado em «tejedor» pode ser explicável pelo facto de na tradução de Morales um «lanceiro» é um «lencero»...¹⁰¹ Certa a nossa explicação? Sem querermos ser taxativos, diremos que somente o não termos encontrado outra fonte para o conto e vir ele situado no mesmo e exacto contexto expositivo, nos permitem sugeri-la aqui com uma certa segurança. E quando Artiga diz, a propósito do modo de assinar, que «declararse alguien servidor no es limpio»...¹⁰², logo verificamos que traduziu de *Corte na*

93. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 81.

94. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 78.

95. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 175.

96. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 175.

97. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 176.

98. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 79.

99. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 78.

100. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 176.

101. F. Rodriguez LOBO, *Corte en Aldeia*, 44. Cremos ser este uma excelente prova de que Artiga seguia a tradução de J. B. Morales..., tradução, aliás, que neste ponto não deixa de ser muito curiosa pelo que pode denotar dos “false friends” das duas línguas.

102. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 179.

Aldeia tal declaração de cortesia: «servidor já se passou das cartas para os retretes»...¹⁰³, o que nos documenta um modo mais da leitura da obra de Rodrigues Lobo pelo autor da *Epítome*... Não multipliquemos este tipo de casos em que os dois coincidem abundantemente, mas recordemos mais um daqueles que somente conseguimos encontrar nas duas obras. «Outro, em Coimbra – conta Rodrigues Lobo – «querendo-se humilhar muito aos pés de um amigo a que escrevia, se assinou 'Antípoda de vossa mercê N.»¹⁰⁴, caso que, por sua vez, Artiga conta precisamente do mesmo modo, com a única omissão da cidade portuguesa: «Y otro que humillarse quiso / con algun nuevo epíteto / firmó diciendo: Fulano, / humilde antípoda vuestro»¹⁰⁵. Se recordamos que este caso vem também, nas duas obras, colocado exactamente na mesma sequência expositiva, isto é, logo depois de dois casos mais célebres e difundidíssimos – o primeiro expando o caso de um homem que, escrevendo a sua própria mulher, se assinava «Vosso servo N.»¹⁰⁶ e o segundo a torpeza de alguém que, porque, então, corria «nos sinais “o menor criado de Vossa mercê», se assinou, escrevendo também a sua mulher, «O menor marido vosso N.»¹⁰⁷ – qualquer dúvida que pudéssemos conceber sobre *Corte na Aldeia* como fonte destes e de outros contos e ditos breves que podemos ler na *Epítome* far-se-á mais ténue ou terá desaparecido.

Falando da carta missiva apresenta Artiga, tal como o fazem todos, incluindo Rodrigues Lobo¹⁰⁸, a tradicional definição ciceroniana – «la carta misiva es / según en Tulio lo advierto / un mensajero que explica / solo aquello que queremos»...¹⁰⁹ – e a sua divisão básica dos três géneros de cartas – de amigos, negócios e política – que depois do exposto anteriormente nos faz pensar que também aqui será legítimo defender que a mais imediata sugestão para utilizar esse lugar comum de origem ciceroniana pode continuar a ser a obra portuguesa. Alguns matizes poderiam fundamentar a nossa sugestão¹¹⁰. Pouparemos aqui esses luxos e recordaremos somente que *Corte na Aldeia* contém uma breve antologia de cartas exemplares que o seu autor, limando-lhe alguma vez o estilo, copiou de uma longa colecção sua¹¹¹ parcialmente publicada em 1934 (Coimbra, Imprensa da Universidade) por Ricardo Jorge, o maior investigador da obra do nosso autor, intitulada *Cartas dos Grandes do Mundo*...¹¹² Antes de apresentar os textos de algumas cartas que Artiga trans-

103. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 81.

104. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 82.

105. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 179.

106. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 82.

107. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 82; Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, 5, 170 desenvolve maliciosamente este «cumprimento do sinal»: «Y de el he oído contar / que à una señora escribiendo / su marido, se firmó: / Vuestro marido, y siervo. / La mujer ceceava mucho / en la lengua, y en lo honesto; / y al leer la firma, leyó: / Vuestro marido, y ciervo». Recordemos que Melchor de SANTA CRUZ, *Floresta Española de Apothegmas* (Toledo, 1574), Madrid, Sociedad de bibliófilos españoles, 1953, 170 e Lucas CRACIÁN DANTISCO, *Galateo español* (Estudio preliminar, edición, notas y glosario por Margherita Morreale), Madrid, CSIC, 1968, 135, trazem já este tradicional caso de «bobería».

108. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 89.

109. Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 180.

110. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 90; Francisco J. ARTIGA, *Epítome de la eloquencia española*, III, 5, 182-190 em que se abordam os géneros de «cartas missivas».

111. F. Rodrigues Lobo, tal como Leonardo (*Corte na aldeia*, 108) deveria possuir ainda um «catarpacio não piqueno de falas e orações de embaixadores portugueses feitas a grandes príncipes, e não pouco doutas e elegantes», com as que constam do Ms. 851 da Biblioteca Pública Municipal do Porto onde vêm várias das que refere em *Corte na aldeia* e muitas das «cartas dos grandes do mundo» que igualmente cita.

112. Américo da Costa RAMALHO, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, I.A.C.-Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969, 100, 116, recordou, com precisão, que algumas das traduções que nessa sua 'colecção' deu Rodrigues Lobo de cartas de Cataldo Sículo.

creveu na sua *Epítome*, esclareçamos que o autor aragonês, com a preocupação de propô-las como exemplos de cartas retoricamente bem concebidas, as acomoda às regras do exórdio, narração, confirmação e epílogo, significando isto uma certa adaptação dos seus textos. De qualquer modo, a comparação dos textos tornará supérfluo todo o comentário.

I

Espero com grande alvoroço que venhais para esta cidade, para que com vossa companhia viva nela contente e vós desenganado de quão pouco en si tem que me possa alegrar, senão depois que vos possuir.

Corte na Aldeia, ed. cit., 96

[Resposta]

Assim como o desterro em o melhor lugar é penoso, nenhum pode haver tão estéril que, tendo a tal amigo, não seja desejado. Vós sois a quem busco; é força que me contente a parte onde vos achar; que as pedras que não fazem a cidade, senão os homens; nem as comodidades da vida a sustentam, senão os amigos.

Corte na aldeia, ed. cit., 96

I

Amigo, vuestra venida
Espero con gran deseo;
Porque más cerca de vós
Hede vivir más contento.
Y vós más desengañado
De ver, que mi gran afecto
Ni lo entibia, ni lo muda
Ausencia, lugar, ni tiempo.
Que tienen poco poder
Los momentaneos esfuerzos
Para impedir de ser
Un perpetuo amigo vuestro.
Y pues mi pena os he dicho,
Poned, amigo, remedio,
Bolviendo a vuestra casa
con salud. Guardeos Dios.

Epítome..., III, 5, 189-190

[Respuesta]

Tu carta recibo alegre
de tu salud; porque es cierto,
mal podría estar yo sano
si tu estuviesses enfermo.
Si tu dices, me allas falta,
que haré yo en este destierro,
que me oculta en tu presencia
la imagen donde me veo?
Porque tus comodidades
sin ti me parecen menos:
biendo el favor apetito
y la posesión deso.
No me hallo, en ti me busco;
y como en ti no me encuentro,
te confieso, amigo, que
no me hallo conmigo mesmo.
Y estas penas y tristezas
Durará hasta el momento
que Dios permita verme
contigo. Guardete el cielo.

Epítome..., ed. cit., 190-191

II

Estou tão confiado no que vos mereço e tão seguro no que de vosso ânimo tenho conhecido, que não me dá cuidado a família que deixei à vossa conta, senão o trabalho que vos dará o sustentá-la; não procuro saber dela mais que novas de vossa saúde; que, enquanto a tiverdes, estará sem sobressalto a minha vida.

Corte na aldeia, ed. cit., 95-96

[Resposta]

Nesta casa só vós fazeis falta, mas como sois o tudo dela, ainda que sobeja a minha diligência, lhe falta tudo. No que é servir-vos, a todos satisfaço, senão o meu desejo que é igual às obrigações que vos tenho. Vivei seguro e gozai de saúde, que enquanto a tiver porei por vossas cousas a vida.

Corte na aldeia, ed. cit., 96

III

Com os tempos contrários à vossa navegação o forão as ocasiões ao nosso trato; que, como as mercadorias não foram requestadas de estrangeiros, estão ao presente abatidas. Enviai-me menos delas para que, faltando, mais as procurem os mercadores da terra. E nessa vos não descuideis de fazer

II

De vuestra gran amistad
estoi, amigo, tan cierto,
como os lo puede explicar
el gran encargo que os dexo.
No me acuerdo de mi casa,
ni hacienda, lo que me acuerdo
es, que un descanso, que es mio
me custa un cansansio vuestro.
De mi familia no os pido
Noticias, porque no pienso
saber nada de una hacienda,
que sois dueño de su dueño.
Nuevas de vuestra salud
son las que de vos espero;
porque si vos la teneis,
la tendré. Guardevos Dios.

Epitome..., ed. cit., III, 5, 192

[Respuesta]

Recibo, amigo, las nuevas
de vuestra salud a tiempo
que tu amor es cierto luchaba
com mis dudosos recelos.
Nada falta en vuestra casa:
muy mal dixé, porque entiendo
que en la verdad falta todo
faltando vuestro gobierno.
Creo a todos satisfago
amigo, en serviros, menos
a mi mismo que no alcanza
la operación al deseo.
Gozad salud, que entre tanto
yo la tuviere os prometo,
exponer yo por la vuestra
mi vida. Guardeos el cielo.

Epitome..., ed. cit., III, 5, 192

III

Por la gran seca que ha havido
dos años en este reyno,
el diñero de vestir
lo gasta el mantenimiento.
Por la cuya razón estamos
de mercadorias llenos;

emprego, mandando-me o de muito boas novas
vossas.

Corte na aldeia, ed. cit., 97

y assi no embíeis, porque estan
muy abatidos de precio,
para que la falta dellas
les dé valor: advertiendo
no os descuideis entre tanto
por esto, de hacer empleo.
Que el tiempo se mudará,
aunque no mudará el tiempo
tener mi correspondencia
siempre en vos. Guardeos el cielo.

Epitome..., ed. cit., III, 5, 193-194

Situados no seu contexto e esquemas expositivos, estes três últimos exemplos deverão ser suficientes para, esclarecendo mais um dos seus modos, confirmar a dívida de Artiga para com Rodrigues Lobo. Representam estes exemplos os últimos dos seus empréstimos? Não ousamos classificar como tal outras coincidências de matéria e as suas ilustrações exemplares derivadas muito certamente de outras fontes comuns como, por exemplo, *Il Galateo* mediante *El Galateo Español*. Encontrar-se-ão em tal caso o que preceitua quando se ocupa da «Pronunciación y la acción», sobre os gestos que devem ou não devem acompanhar o discurso..., sobre os bordões...¹¹³, etc..., se bem que em algum caso, como, por exemplo, o que traz sobre a *Philaucia*¹¹⁴, a fonte seja ainda, como parece, a obra de Rodrigues Lobo¹¹⁵. Mas, outras breves coincidências há que, num primeiro momento, poderíamos ser tentados a classificar entre as sugestões e os empréstimos pedidos à *Corte na aldeia*. De facto o que traz Artiga sobre o «sal» como elemento da elegância das palavras e gestos...¹¹⁶, ou algum conto breve ou dito agudo – como esse de D. Celia del Valle [de Josafat]¹¹⁷ ou o outro sobre a aposta de dois amigos sobre o pé disforme de um deles¹¹⁸ ou aquele do frade velho que faz um jogo de palavras (mula / asnos) na resposta a outros frades mais jovens¹¹⁹ – poderiam derivar de *Corte na Aldeia*, já que são igualmente exemplos seus que servem para ilustrar essa delicada prova de cortesia que é o saber contar, oportunamente, boas anedotas e responder breve e agudamente, matérias importantes para o homem cortês e, segundo Artiga, para o bom orador desde o momento que foi consagrado nas páginas de *Il Cortigiano*. Mas, como certamente já se terá notado, tais matérias e unidades narrativas que as formulam encontram-se dispersas pelas florestas..., silvas..., tesouros..., horas... éditos e inéditos de ditos..., apotegmas..., sentenças..., erros mais ou menos celebrados..., de sais espanhóis ou outros..., etc., além de tradições orais de difícil contorno, o que na sua dispersão e quantidade sugere as dificuldades de um juízo definitivo sobre as precisas fontes de onde emana a sua utilização por um autor concreto.

Neste momento o que importará reter será, além da positiva relação entre as duas obras que tentamos demonstrar, a operação de leitura, selecção e "collage" que levou a cabo Artiga a partir

113. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 4, 475-477.

114. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, V, 1, 479.

115. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 172.

116. Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 4, 145; F. Rodrigues LOBO, *Corte na aldeia*, 194-195.

117. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 219; Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 6, 258.

118. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 217; Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 6, 266.

119. F. Rodrigues LOBO, *Corte na Aldeia*, 221; Francisco J. ARTIGA, *Epitome de la eloquencia española*, III, 7, 295-296.

da obra de Rodrigues Lobo. Em tal operação tanto pela amplitude dos seus propósitos gerais como pelas opções determinadas pela adopção do verso na sua exposição, Artiga orientou-se, quase sempre, num sentido redutivo que muitas vezes lida com a trivialidade. E quando nos apercebemos que em 1777 se continuava a editar e imediatamente a ler a *Epítome* suspeitamos que não valerá a pena perguntar pelos resultados de tal leitura... Mas, precisamente esta suspeita permite introduzir a relevância do significado cultural deste tipo de textos, nele incluindo aquelas outras descendências portuguesas ou espanholas mais ou menos explícitas de *Corte na Aldeia*. Por um lado, a grande difusão dessa retórica dialogada em verso como meio de facilitar a apreensão dos seus preceitos parece colocá-la imediatamente – e pode ser que sobretudo – no horizonte daqueles «maestros bachilleres escolásticos» aos que acusava em 1579 Damásio de Frias de «jamás salir de leer el Cortesano, envueltos siempre en preceptos decorados de esas universidades, tarde o nunca puestos en ejercicio»...¹²⁰. Certamente seria assim, mas não por isso – ou precisamente por isso – que a *Epítome de la Eloquencia Española* e outras obras similares terão sido quase sempre o único meio que dos níveis sociais que esses «maestros bachilleres escolásticos» representam, tiveram para aceder a esses horizontes... Deste modo, tal obra – com as suas 10 edições, pelo menos – é um bom índice do nível cultural desses níveis sociais... A própria linguagem «equivoquista» – por uma vez aceitemos o desprezo de D. Marcelino – do qual Artiga terá sido o mestre..., funcionava exactamente no mesmo sentido de criar a ilusão de, mediante unicamente a agudeza verbal, aceder à complexa alquimia de un Baltasar Gracián...

Por outro lado, a *Epítome de la Eloquencia Española* poderá ser uma boa prova de que a velha literatura de comportamento social continuava a ter os seus leitores... Já o sabíamos para *El Galateo Español*, facto além do mais garantido pelas contínuas edições da obra. A tradução tardia de *Il Galateo* em português, publicada em 1732, poderá igualmente confirmá-lo... Ignorámo-lo para *Corte na Aldeia*..., uma obra que, em uma época em que não havia «autêntica» corte em Portugal, talvez se propusesse difundir – e cimentar – a cortesia como um ideal praticável nas pequenas cortes de amigos nas aldeias..., cortes essas em que as diferenças sociais – sempre relevantes, é certo – se podiam ver como que esbatidas pela «conversação» – o trato e a fala – «aprazível», em nome de uma *mediocritas* cortês que a amizade dita ou tolera. Mas o facto de que Artiga tenha podido utilizar abundantemente a obra portuguesa parece indicar que ainda viu em *Corte na Aldeia* um útil manual sobre o comportamento moral e elocucional de determinadas funções e situações sociais e sobre a preceptística epistolar... Não julgemos se tudo isto estava ou não muito longe do que podiam alcançar muitos, e pode ser mesmo que os primeiros, dos seus leitores... As obras gerais têm de se ocupar de tudo e de todos e de tal modo oferecer alguma ilusão ao seu público... De todas as maneiras, Artiga conseguiu captar outra faceta de *Corte na Aldeia*: o seu carácter de amigável debate académico *doublé* de *silva de varia lección*... Neste ponto apetece perguntar como terá Artiga lido esse Atanasio Kircher que, juntamente com R. Lulio, lembra, com alguma pertinência – o que não significa necessariamente com bom resultado –, de novo a propósito da *arte de la memoria* (IV, 4)? Será mesmo de tentar uma resposta?...

120. Damasio de FRIAS Y BALBOA, *Diálogo de la discreción* in *Diálogos de diferentes materias inéditos hasta ahora*, Madrid (Col. de Escritores Castellanos), 1929, 89-90; para a precisão de alguma das datas dos diálogos, nomeadamente do *Diálogo de la discreción*, José Luis PENSADO, *Una crisis en la lengua del Imperio. El «Diálogo de las lenguas» de Damasio de Frias*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1982, 12-15; de qualquer modo, talvez sejam esses «maestros bachilleres escolásticos» um tipo de leitores que se devam acrescentar aos que elenca Peter BURKE, *Le fortune del Cortegiano*, 46-50.

